Aveiro ★ 25-Abril-1964 ★ Ano X ★ N.º 494

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS • PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS EM «A LUSITÂNIA» RUA DE HOMEM CRISTO, 17-25 — TELEFONE 23886 — AVEIRO

suplemento de letras e artes
direcção de jaime borges e mário da rocha

VAE VICTIS

teatro • cinema • literatura • artes plásticas
ensaio • poesia • crítica • crónicas • entrevistas

PEÇO a PALAVRA

Aveiro, cidade-luz, enxovalhada

JÁ lemos e já ouvimos dizer maravilhas dos dois últimos documentários em que aparece a nossa cidade. Nós, de verdade, devemos congratular-nos com o intento da iniciativa, mas não podemos aplaudir o total efeito da obra. E por dois motivos!

1 — *Aveiro, na sua inconfundível e até incomparável beleza, é luz, é cor, é sobretudo cor. Ora a cor é em cinema, ainda hoje, um problema técnico de difícil e rara solução. E a cor natural é, sem dúvida alguma, muito mais difícil de captar, do que difícil de conseguir a cor psicológica.*

Pois «Aveiro, cidade milenária», de Miguel Spiguel, que foi exibido, entre nós, para «convidados», no passado dia 25 de Março, não era uma novidade e foi uma traição...

Se exceptuarmos o «plongée» do Farol sobre a Barra, e o «panning» que nos mostrou a Pousada, nós já tudo havíamos visto, algures, e de tal bem nos recordávamos.

Além de não ser novo, o documentário era, salvo raros momentos, uma traição à cor, à luz de Aveiro.

A cor é difícil. Mas, apesar da sua dificuldade, Vasco Branco já conseguiu fazer melhor. Por que não o aproveitou ainda o Turismo? A sugestão aqui fica sumàriamente apontada...

E Vasco Branco é um amador! Ah! sim, — convém lembrá-lo! —, mas é, é também um pintor e um aveirense nato!...

2 — *Aveiro apareceu ainda num outro documentário de Spiguel.*

Melhor sem dúvida. Mas até por ser melhor, não podemos deixar de dizer que muito nos chocou o recurso a uma montagem em «flash-back».

Montar um documentário será, porventura, o maior problema dum bom documentarista. Já o é em cinema. No documentário ainda o será mais, a nosso ver!

Continua na página 9

duas opiniões de Mário da Rocha

JOÃO CARLOS
A OBRA POR FAZER

QUANDO olhamos para um Balzac de Rodin, dizemos: eis um Rodin! Quando vemos um Lopes Vieira em João Carlos, somos levados a dizer: este é o Lopes Vieira! A ideia surgiu-nos ao ver, em panorâmica, a obra de João Carlos. Pouco depois víamos, algures, uma exposição dum jovem pintor «de outro mundo» — humano e pictório. E, então, a ideia impôs-se-nos: João Carlos não cria; recreia-se!

O seu espantoso talento esbanja-o ele no requinte com que se compraz em nos dar bem acabadas todas as suas obras. Uma execução que nos admira, mas a que falta um halo criador que nos subjugue.

Que terá havido em João Carlos para ele não chegar a fazer a obra que as suas obras nos dizem que ele podia ter feito?

Repare-se no seu último trabalho «Senhora do Mar», que ele chamou, e a que ainda se chama, um estudo, um esboço. Mais do que criar, João Carlos, nela particularmente, parece recrear-se. Pela perfeição dum acabamento de finura oriental, João Carlos deixou-nos inacabada a sua obra. Ficou por pintar a sua melhor tela.

Espanta-nos, admira-nos a mão de João Carlos! Mas a que secreta mímese terão ficado presos os seus olhos?...

TEATRO e a HISTÓRIA

NO «Théatre de l'Athenée» de Paris, como em outros teatros do mundo, Pio XII foi posto em cena e acusado. Os «católicos da extrema direita», como se lhes chama frequentemente em Paris, gritam em pleno teatro: «c'est un scandale!» «C'est immonde!» «Absolumment ignoble!» Os actores interrompem, apelam para o bom senso, defendem a cena da invasão dos espectadores mais excitados, enquanto que dos balcões são lançados prospectos, tinta, ovos e gases. O objecto do protesto é esclarecido nos prospectos: «vão permitir que a capital francesa seja desonrada por um espectáculo tão monstruoso». «Mostrai a vossa indignação». Em Berlim, Londres, Zurich e Bâle as reacções, foram semelhantes. Na América, Canadá, Bélgica, apresentaram-se do mesmo modo.

Assistimos a uma das representações de «d'Athenée», pudemos ler a peça no original (¹) e o contacto com a imprensa inglesa, francesa e alemã permitiu-nos a selecção de uma grande quantidade de artigos, de posição, comentários e polémicas, das quais tentamos apresentar uma síntese crítica.

Continua na última página

uma carta de Paris por Abreu Freire

TEATRO e a HISTÓRIA

Conclusão da última página

ao Arcebispo de Berlim em 1943 mostra que o papa estava suficientemente informado das atrocidades contra os Judeus.

Precisemos, porém, qual a acusação de Rolf Hochhuth: ele não afirma que Pio XII podia fazer terminar a perseguição, mas afirma que ele deveria *tentar* reprimi-la com a sua autoridade. Tal qual a peça foi adaptada em francês, tem-se a impressão, ao escutá-la, de que o autor cai no equívoco de afirmar que uma palavra do papa teria de facto salvado todos os judeus; pelo seu silêncio o papa aparece assim como o responsável do genocídio, por não ter usado da sua autoridade para condenar formalmente a atitude nazi.

O próprio autor declara(2): «o único ataque contra o papa visa ùnicamente o seu silêncio — por isso só ele é culpável. Quanto à eficácia de uma eventual tomada de posição de Pio XII, ninguem a saberá apreciar convenientemente.

Outro aspecto a frisar é o da terminologia. Para quem assiste à peça em Francês pode ter-se a impressão de que se trata do «*Vigário* de Cristo». Mas o título, original é «Der Stellvertrater», e em Inglês «The Representative». E assim a grande questão não é o silêncio de Pio XII enquanto Vigário de Cristo, enquanto Papa, a meu ver; a questão é o do silêncio de todos quantos se sentem unidos na mesma religião de Amor. Na peça o papa é o «substituto», o «representante», o «culpado» — «representante da nossa culpabilidade perante o drama» — diz Rolf.

O conflito situar-se-á, portanto, a dois planos: um histórico — o facto do silêncio do Pio XII, — outro moral — a questão da culpabilidade moral de todos os que não reagiram perante o drama.

Finalmente Hochhuth vê no silêncio diplomático e político de Pio XII uma atitude culpável que foi não apenas a do papa mas a de toda a Europa cristã cujo dever seria de lançar bem alto um grito espiritual.

A peça no seu original alemão é uma obra de um autor cristão, e, segundo o seu autor, é «profunda e fundamentalmente religiosa». Mr. Nathan Weinstick, de Armus comenta da seguinte maneira a posição artística de Rolf: «o representante de uma religião de amor, não teria o direito de «se identificar» às vítimas de uma perseguição que lhe dizia respeito directamente, visto que como Pio XII disse ele mesmo, todos os cristãos são espiritualmente semitas?»

Voltamos às grandes questões levantadas pela peça:

Pio XII guardou realmente o silêncio de Rolf Hochhuth o acusa? Um silêncio injustificado?

Jean d'Hospitol, que foi correspondente em Roma durante 16 anos afirma que Pio XII nunca, em órgãos oficiais pronunciou uma palavra de repoliação ou condenação, seja da religião do sangue de Hitler seja em relação aos movimentos fascistas.

O próprio Pio XII respondeu algures dizendo que o seu silêncio consistia ùnicamente em evitar que uma intervenção provocasse mais mal que bem àqueles que se encontravam já tão subjugados pelo opressor. Veremos mais adiante que na carta ao arcebispo de Berlim e no testemunho do padre Jean Toulat, especialista na questão, se encontra igualmente uma justificação de Pio XII nos mesmos termos.

Rolf retoma o ataque pelo lado sentimental e trágico: «como se justificará uma tal atitude, perante factos em que se tratava de uma autêntica caça ao homem, a mais monstruosa que se realizou no Ocidente»?

O actual papa Paulo VI, pouco tempo antes da sua eleição ao papado, escreveu uma defesa de Pio XII, dizendo que se o papa tivesse agido de outra maneira teria cometido o erro de desencadear sobre o mundo já atormentado calamidades ainda maiores.

Voltemos a Rolf: — Pio XII falou com perfeita nitidez a propósito dos bombardeamentos, e com a necessária precisão.

Porque guardou ele o silêncio em relação ao anti-semitismo, a tal ponto de nunca ter pronunciado, em posição oficial — palavra Judeu?

Philipe Diolé responde: Na sua primeira encíclia «Sumnis Pontificatus», ele denunciou o uso do racismo, citando: «Não haverá Grego nem Judeu». Em 1940 o S. Ofício condenou as práticas do Nazismo. O próprio papa escreveu os telegramas enviados pela Santa Sé aos soberanos dos países injustamente atacados. Não deu o seu acordo à adesão da Itália na Companha da Rússia. Pio XII disse: «Espiritualmente nós somos semitas».

Rolf cita uma passagem de Pio XII no Abservatore Romano, em que o papa fala indirectamente da questão semita, dando a impressão de que é a única posição de Pio XII. De facto há *pelo menos* mais duas: em 1942 e 1943.

Pio XII era um homem habituado à diplomacia; um homem habituado às negociações e media de longe todos as atitudes que tomava. Monsenhor Tordini acrescenta que o papa preferia resolver as dificuldades pela paciência e a perseverança, procurando acima de tudo e por todos os meios, a paz.

Mas Rolf continua: É impossível compreender como Pio XII, quando a Alemanha já estava considerada como definitivamente perdida, mesmo então, não tenha levantado a voz contra o inferno de Auschwitz que continuava e continuaria no seu auge. E o papa estava suficientemente informado: evadidos dos campos de concentração chegavam a Roma e contavam os piores horrores. Todo o mundo estava ao corrente dos factos, e o papa guardava silêncio.

Como resposta ao autor poderemos citar factos que todos conhecemos — se bem que não lhe daremos uma resposta perfeita. Por ocasião da morte de Pio XII o grande rabino de Roma declarava: «mais que em qualquer outra ocasião nós os judeus encontrámos um refúgio ao nosso desespero na bondade e generosidade do Papa.»

Por várias vezes os judeus homenagearam Pio XII manifestando-lhe a sua gratidão por tudo quanto por eles tinha feito. Em 1945, 70 evadidos dos campos de concentração vieram agradecer a Pio XII. Em 1948 foi alvo dos manifestações de gratidão da Christed Jewish Appeal. Em 1955, noventa e cinco músicos judeus, oriundos de catorze países diferentes, ofereceram ao Papa uma interpretação da 7.ª Sinfonia de Beethoven. A Senhora Golda Meir, por ocasião da morte do Papa, — ministro israelita dos negócios estrangeiros — prestou-lhe pùblicamente homenagem.

Mesmo a personalidade do Papa é discutida e posta por vezes em polémica. «Um homem de paz» — lia-se a grandes títulos nos jornais, na ocasião da sua morte. «Severo, de espirito nervoso», «obstinado», «autoritário», «independente» — diz Jean d'Hospitol. «Um nobre e viril carácter, capaz de tomar decisões firmes e adoptar sem medo posições que conduziam a riscos consideráveis» — Paulo VI. «Ele era doce de natureza e sobretudo tímido». Monsenhor Tardini.

A grande questão, porém, resume-se no seguinte: poderia o Papa agir de outra maneira?

Sem fazermos esforços especulativos, limitemo-nos aos factos e apreciações de personagens competentes.

Em Israel, Pinhas Lapid, cônsul de Israel em Milão no tempo de Pio XII, é quase o único a condenar as intenções de Hochhut Ele escreve: A Igreja Católica salvou entre 150 000 e 400 000 judeus de uma morte certa». «Quando foi recebido em Veneza por Monsenhor Roncalli, futuro João XXIII, e quando lhe exprimi o reconhecimento do meu país pela sua acção em favor dos Judeus quando Núncio em Istambul, ele interrompeu me por várias vezes para fazer notar que de todas as vezes tinha agido segundo as ordens de Pio XII.».

O padre Jean Toulat, já citado, declara que quando em 1939 Rádio-Vaticano começou a revelar as atrocidades nazis na Polónia, o episcopado avisou a Santa Sé de que cada emissão era causa de represálios sobre a população.

Em 1942 os bispos holandeses protestaram e tiveram como resposta novas represálias. Na Checoslováquia, as deportações dos judeus no verão de 1943 são devidos, segundo Léon Poliakou, às pressões da Santa Sé.

Numa carta ao Arcebispo de Berlim, em 27-II-1943, Pio XII declara: «é preciso ser reservado, apesar das razões que haveria de intervenir, a fim de evitar os maiores males, porque as declarações de bispos riscam de provocar represálias. *É num dos motivos pelos quais nós mesmos nos limitamos nas nossas declarações.*»

Outra questão poderíamos pôr ao autor, como P. Sapid, já citado: Porquê Pio XII?

O Papa não possuia nem divisões blindadas, nem força aérea enquanto que Staline, Roosevelt, Churchil, que as comandavam, nunca quiseram servir-se delas para desorganizar ou destruir os caminhos de ferro que conduziam às câmaras de gaz.

«Durante séculos — lembra Alioune Diop, quantos negros foram deportados em escravatura, mulheres, crianças, homens sãos e na força da idade, quantos foram tratados em condições desumanas morrendo nos porões dos navios... e por tudo isso ninguém se lembrou de pôr o Papa em causa; acusaram sim — e os mais violentos dentre eles — as instituições e as civilizações. Eles denunciaram uma responsabilidade colectiva».

O Papa não é o representante desta responsabilidade colectiva pelo facto de ser o chefe da Igreja de todos os crentes. Mesmo se os factos aludidos fossem todos verídicos, quem teria o direito de atirar a Pio XII a primeira pedra?

O general De Gaulle julga severamente a oportunidade da peça de Rolf Hochhuth: «En 1945 peut-être! Aujourd'hui cest' une mauvaise action. *Le Vicaire*, tout compte fait, n'est qu'une chaisière médisante».

Até que ponto poderemos dar crédito às bases da acusação de Rolf Hochhuth?

Uma intervenção importante é a do professor Paul Rassinier, de Paris, no jornal «Le Candide» da semana de 29 de Janeiro de 1964, que trabalhou durante 15 anos na elaboração de um arquivo sobre a questão das relações da Santa Sé com os Judeus da Alemanha.

Eu afirmo que o documento histórico sobre o qual a peça está baseada é falso, forjado em Nuremberg em 29 de Janeiro de 1946, sob o número P. S. 1553. Este mesmo documento, tendo sido apresentado no processo de Auschwitz que decorre actualmente, nem sequer o presidente permitiu que fosse lido. «Nenhuma palavra colocada na boca de Pio XII pode ser provada por um documento histórico». Sou um livre pensador que defende a verdade histórica» — diz ainda Rassinier.

(1) Uma tradução francesa literal saiu há semanas, traduzida por F. Martin e J. Amsler. *Ed. du Seuil.*
(2) Entrevista a Nicole Zand — «Le Monde» de 19-XII-963.

Souvain, 30 de Janeiro de 1964

A. de Abreu Freire

Galeria de Arte

A exemplo do que acontece nas grandes cidades ou nos centros urbanos de palpável movimento cultural, Aveiro vai em breve possuir uma Galeria de Arte.

Pretende-se, sobretudo, concorrer assim, mediante a divulgação de bons textos sobre artes e artistas e a exposição num ritmo, tanto quanto possível certo e porventura mesmo contínuo, contribuir para o incremento artístico entre nós.

A nova galeria, a abrir em 2 de Maio, tem para já marcadas exposições de artistas da nossa cidade, uma de artistas do Porto, outra de artistas de Lisboa, e ainda uma outra de recentes gravuras de António Leite. Está marcada também a vinda à galeria uma notável colecção de reproduções Skira, que presentemente em Lisboa está a ter junto do público extraordinário interesse devido ao invulgar nível que sempre distinguem os trabalhos Skira.

Capa e Contra-Capa

Continuação da página dois

o desiquilíbrio do seu processo alimentar fazem igualmente numerosas vítimas.

A alimentação é uma ciência: é essa ciência que nos propomos estudar...»

Isto diz o autor na introdução ao seu livro e de facto, no fim duma leitura atenta, sentimos a necessidade que é para o homem actual o conhecer a maneira de se alimentar sem prejuízo. O Autor finda o seu livro com uma prespectiva do mundo alimentado no ano 2000 com as possíveis soluções para os problemas mais prementes. E' um livro necessário ao leitor de hoje e a uma cultura que deve tocar todos os pontos do conhecimento humano.

A ARTE OU O ARTISTA

conclusão da primeira página

rios dar um cantinho às outras Artes? Onde virá o dia em que as nossas entidades dêm um lugar à Arte como cartaz de incremento e valorização turísticos? Em Espanha e em França, vejo isto sempre que lá vou. Ainda o ano passado, no Louvre. Era de Delacroix que se tratava. Mas que multidão, que caudal de turistas!...

Por que não intensificar, continuou Sereno, o ritmo de exposições? Sem esta, o público perde-se e o artista não ganha estímulo, pois quem pinta, fala. E pintor algum há que goste de ser fala-só!

E Augusto Sereno rematou-nos:

— É agradável, deixa-nos agradecidos ver que o público nos recebe. Porém, porque mais do que o artista interessa a Arte, eu gostava de ver em Aveiro que o público não vai a uma exposição por preferências particulares. Que ele mostre, a todo e qualquer artista, genuíno interesse pela Arte, mesmo que porventura não goste «daquela» arte.

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . .	A L A
Domingo . . .	M. CALADO
2.ª feira . . .	AVENIDA
3.ª feira . . .	SAÚDE
4.ª feira . . .	OUDINOT
5.ª feira . . .	NETO
6.ª feira . . .	MOURA

Vozes que se ouvem sem eco...

Um artigo do DR. QUERUBIM GUIMARÃES

Terá resposta a seguinte pergunta:

— Perante o que se passa em A'frica, estarão ingleses e norte-americanos dispostos a modificar a sua política para com Portugal?

A pergunta é feita por um oficial britânico, que logo acrescenta, visìvelmente em censura, esta disjuntiva:

... ou vai permitir-se que todo o Continente Negro seja presa do caos, da chacina e do Comunismo?

Em carta dirigida ao «Daily Tefegraph», o Tenente-coronel Ronald Waring, depois daquela pergunta, e exprimindo, no fundo, a indignação que lhe provoca o que se tem passado com Portugal, escreve:

— No editorial do «Daily Telegraph» de 21 de Janeiro, afirma-se, a propósito dos recentes acontecimentos em Dar-Es-Salan, que os territórios portugueses na A'frica representam um bastião atrás do qual os homens podem viver sem receio, nem na incerteza e que tudo quanto tem estado a acontecer na A'frica é muito diferente do que esperavam idealistas e advogados da independência imediata.

Então, Ronald Waring, visìvelmente indisposto com este desconcerto que tem sido a atitude dos dois grandes países nossos aliados da N. A. T. O. — um deles, justamente, o que é pátria do signatário da carta dirigida ao referido diário londrino (nosso secular aliado, sistemàticamente mantido nas Nações Unidas, certas vezes camuflado apenas com a cobardia da abstenção...) interroga esses nossos aliados sobre qual seja a causa que a tal os determina e se, com efeito, a causa que Portugal em África defende não é, realmente, a causa do Ocidente, de que eles se dizem apóstolos e em cuja chefia tão ufanos se colocam.

Pergunta, depois, se essa causa, por eles tão esquecida, não é, assim, traída pela sua própria passividade comprometedora, ou, mais ainda, estimulando, directa ou indirectamente, esse conceito de independência que corre toda a África como um dos tais «ventos da História», indestrutíveis e irredutíveis, a que o Mundo (e a Europa acima de todos) tem de curvar-se irremediàvelmente.

E então, animado apenas pelo espírito de justiça, pergunta ainda, nestes expressivos termos, àqueles países, que tão claramente acusa de traição, em face do espectáculo que a África, assim «libertada» para o crime e para a ruína, dá ao Mundo:

— Haverá, na realidade, uma modificação de ânimo ou compreensão relativamente a quanto está acontecendo hoje na A'frica?

— Poderá ser que a Inglaterra (note-se, mais uma vez, que é um inglês que fala) *e os Estados Unidos vão continuar a votar contra Portugal nas Nações Unidas ou, a abster-se, passivamente, quanto às moções afro-asiáticas, moções que se destinam a levar a Portugal acontecimentos semelhantes aos que se deram no Congo, em Zamzibar, no Tanganica e que hão-de dar-se por toda a A'frica?*

Não será altura de pensarem duas vezes aqueles que têm advogado a imediata independência e forçado a retirada de Portugal das suas Províncias!

Os belgas foram condenados pelas suas acções no Congo (todos se lembram do que foi essa triste humilhação belga, quanto à entrega do Congo, como a holandesa, com relação à Guiné, entregue à Indonésia); e também é certo que ninguém pensava que o que aconteceu pudesse dar-se nas colónias britânicas, quando os ingleses se retiraram.

Como conclusão lógica deste destempero ciclónico que ameaça a civilização nos seus próprios alicerces, diz a seguir o distinto militar inglês:

— Mas do que não há dúvida é que a independênica trouxe a desordem, a pilhagem, o assassínio e a venalidade do funcionalismo público, perturbações económicas e, a milhões de pessoas, o medo, bem como governos fracos, que fàcilmente podem ser derrubados.

Perante estes resultados haverá alguma modificação de política? Haverá um reajustamento de atitude dos ingleses e dos norte-americanos para com Portugal e os novos estados independentes? Ou estarão os norte-americanos firmemente decididos a entregar todo o continente africano ao caos, à chacina e ao Comunismo e a Inglaterra disposta a seguir na esteira desta desastrada política?

Verdades como punhos, corajosamente afirmadas por quem tem carácter, dignidade e independência, além de espírito de imparcialidade que domina o autor da carta.

Ver-se-á o que segue.

Querubim Guimarães

P. S.

A revolução anti-comunista do Brasil, já marcando para este uma posição oposta à anterior na O. N. U.; a visita às nossas duas grandes Províncias Ultramarinas (Angola e Moçambique) e à Guiné do Embaixador norte-americano em Lisboa e as suas declarações aos jornalis; e a entrega da resolução do nosso caso africano ao Subsecretário Averal Harriman — fazem prever uma viragem dos processos dos nossos aliados na solução desse nosso problema.

Vê-lo-emos.

Q. G.

«Semana do Ultramar»

A «Semana do Ultramar», empreendimento que a Sociedade de Geografia vem, ininterruptamente, realizando desde 1929, decorrerá este ano no período de 4 a 11 de Maio, subordinada ao tema COEXISTÊNCIA CULTURAL.

Sobre este assunto estão a ser editados 10 000 exemplares de uma brochura da autoria do sr. Dr. Alexandre Lobato, para distribuir por todos os colaboradores desta sua iniciativa que desejem abordar o mesmo tema.

A «Semana do Ultramar» já tem assegurado a cooperação de muitas Câmaras Municipais, unidades e estabelecimentos militares do Exército e da Marinha. Espera-se que nela também participem a Legião e a Mocidade Portuguesa, estabelecimentos de ensino oficial e particular, organismos corporativos e instituições de cultura e recreio.

A Sociedade de Geografia, pelos seus serviços da «Semana do Ultramar», está a expedir boletins de inscrição acompanhados do Relatório da «Semana» de 1963, documento demonstrativo da amplitude desta patriótica jornada de propaganda que constitui já um verdadeiro movimento nacional.

Na sessão de abertura, a realizar em Lisboa na noite de 4 de Maio, discursará o sr. Ministro da Economia, Prof. Teixeira Pinto, e na de encerramento que, pela primeira vez, se efectuará na cidade do Porto, será conferente o sr. Prof. Dr. Hernâni Cidade.

«Por que não Aveiro?»

O artigo da autoria da jornalista e nossa colaboradora Carolina Homem Christo que, sob o título em epígrafe, foi publicado no último número deste jornal, mereceu o aplauso de numerosos leitores.

Pessoalmente e por carta, inúmeras pessoas se nos têm dirigido para testemunhar a sua plena e entusiástica concordância com as desassombradas ideias expedidas naquele oportuníssimo escrito; e não só aveirenses da cidade, como doutros pontos da região.

Julgamos de justiça destacar aqui o incentivo que nos trouxe, com as suas expressivas e judiciosas palavras, o conhecido industrial de Avanca sr. Adelino Dias Costa.

Espectáculo a favor dos sinistrados da Ilha de S. Jorge

Sob o patrocínio do sr. Governador Civil de Aveiro, o Grupo de Acção Cultural e Recreativo da Legião Portuguesa, realiza no Teatro Aveirense, na próxima terça-feira, dia 28, pelas 21 30 horas, um espectáculo de variedades em benefício das vítimas dos abalos sísmicos recentemente registados na Ilha de S. Jorge.

O espectáculo, que consta de peças do reportório regional, música, fado, canções e números humorísticos, tem o concurso da Orquestra Ligeira da Legião Portuguesa, dirigida pelo Comandante de Lança Dionísio de Brito; do Conjunto de Albino Fernandes e do Conjunto Académico; dos cançonetistas Deolinda de Lourdes, Maria Amélia, Maria Madalena, Carlos Alberto, José Ricardo e Luís António; e ainda do jovem acordionista Paulo Gala e de Julião Bendito Pinto — todos artistas amadores naturai ou residentes em Aveiro, que se exibiram últimamente, com muito agrado, nos serões para soldados e operários realizados nas Fábricas Campos e em espectáculos efectuados a favor do Movimento Nacional Feminino em Loures e no Bombarral.

Concurso Pecuário de Aveiro

A Câmara Municipal de Aveiro, com a orientação técnica da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, através da Intendência de Pecuária de Aveiro, realiza, no dia 10 de Maio, pelas 14 horas, o *XXVI Concurso Pecuário*, com o qual visa estimular e orientar a Lavoura na produção de animais de maior rendimento económico.

Serão expostos animais das espécies cavalar e bovina (raça turina, holandesa e marinhoa), distribuindo-se prémios aos proprietários que, em cada grupo, apresentarem exemplares que mais se distingam pelo seu valor morfo-funcional.

O certame será limitado a animais do Distrito de Aveiro, e serão distribuídos prémios no valor de 25 000$00.

Obras Camarárias

Começaram a ser demolidos, na semana finda, alguns prédios da Rua de Coimbra e da Praça da República — que darão lugar ao novo edifício destinado aos Serviços de Finanças, Tesouraria da Fazenda Pública, Turismo, Biblioteca Municipal e Acção Cultural e previsto no Plano Director da Cidade de Aveiro.

Para esta importante obra, a Câmara dispõe de um empréstimo especial de 2 000 contos.

Rotary Clube

No Restaurante Galo d'Ouro, realizou-se mais uma reunião do Rotary Clube de Aveiro, sob presidência do sr. Arnaldo Estrela Santos, secretariado pelo sr. António Ferreira Leite Pais.

Presentes, como convidados, os srs. Dr. Bernardo de Almeida, Conde de Caria, Joia de Noronha e Alberto de Carvalho — que foram especialmente saudados pelo Presidente do Rotary de Aveiro.

Durante a reunião, tiveram oportunas intervenções o Governador do Distrito Rotário 176 (Portugal), sr. Dr. Fernando de Oliveira, e os srs. Eng.º Nóbrega Canelas e José Matias. Este último anunciou a próxima visita de um numeroso grupo de rotários franceses e apresentou algumas sugestões para o programa de recepção que lhe está a ser preparada.

A habitual palestra regulamentar foi proferida, com muito brilho e interesse, pelo sr. Conde de Caria, que versou o tema «O Novo Sistema Tributário Português» — um trabalho que foi muito apreciado e aplaudido. Seguiu-se um animado debate de alguns pontos da palestra, sobre os quais o sr. Conde de Caria prestou esclarecimentos suplementares.

Finalmente, o sr. Arnaldo Estrela Santos encerrou a reunião, depois de a ter comentado.

Espectáculo dos «Gaiatos do Padre Américo»

É já na próxima sexta-feira, dia 1 de Maio, que se realiza no Teatro Aveirense o espectáculo dos simpáticos «Gaiatos do Padre Américo», o saudoso fundador da incomparável «Obra da Rua».

A festa está a suscitar bastante interesse, como aconteceu no ano findo em Aveiro, e como sempre sucede em todas as terras onde se apresentam estes pequenos actores.

Câmara Municipal de Aveiro

AVISO

Recenseamento Eleitoral

Dário da Silva Ladeira, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal:

Faço saber que, pelo espaço de 10 dias, com início no dia 1 de Maio, se acha patente na Secretaria desta Câmara, para efeitos de reclamação, o recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional, referente ao ano de 1964.

Os interessados, ou qualquer eleitor inscrito no recenseamento no pretérito ano, podem apresentar as suas reclamações ao Ex.mo Presidente da Câmara Municipal, em papel comum, instruídas com os documentos convenientes, até ao dia 15 de Maio.

As reclamações, que devem ser assinadas pelo reclamante ou por um procurador, com a assinatura reconhecida por notário, só podem ter por objecto:

a) — A inscrição, ou omissão, daqueles que a hajam requerido;

b) — A inscrição, ou omissão, daqueles que o devessem ser oficiosamente.

Para conhecimento de todos os interessados e em cumprimento da Lei, publico o presente aviso, que faço afixar em todos os lugares públicos do Concelho.

Paços do Concelho, 23 de Abril de 1964

O Chefe da Secretaria,
Dário da Silva Ladeira

Pelo Hospital

★ **Um Peditório das Alunas do Magistério**

A Directora, vários professores e muitas alunas da Escola do Magistério Primário Particular de Aveiro visitaram, na passada terça-feira, dia 21, o Hospital de Santa Joana, na sequência de uma cruzada de bem-fazer iniciada no ano findo.

Amanhã, grupos de alunas daquele estabelecimento de ensino efectuarão um peditório a favor do Hospital, através de toda a cidade.

★ **Movimento Hospitalar**

No período de 1 a 18 do mês em curso, o movimento hospitalar foi o que a seguir se indica:

Banco — Doentes, tratamentos e injecções, 176.

Internamentos — Pensionistas e pobres, 90.

Consulta Externa — Consultas, tratamentos e injecções... 1 274.

Ofertas ao Conservatório Regional

A sr.ª D. Maria Lucília de Lima Henriques ofereceu ao Conservatório Regional de Aveiro diversas obras de música, de grande interesse para esta instituição — segundo nos informam.

Com tal oferta, aquela distinta senhora, que, desde os seus tempos de aluna do antigo Colégio de Santa Joana, dedica à arte musical um interesse muito particular, teve um gesto digno de todo o elogio e credor da maior gratidão.

O Conservatório já agradeceu oficialmente esta manifestação de carinho; mas o *Litoral* pretende dar merecido relevo a um exemplo que tão eloquentemente comprova o prestígio que o Conservatório alcançou em Aveiro.

A propósito, recorda-se uma outra oferta, feita pelo nosso saudoso conterrâneo Rui Alberto Dias Coimbra, que residiu em Aveiro até o fim do seu curso liceal, e legou ao Conservatório o que tinha de mais precioso: o seu violino e as suas músicas.

Completa-se a notícia referindo que Rui Alberto Dias Coimbra frequentou, com muito aproveitamento, a Academia de música de Coimbra e os Conservatórios do Porto e Lisboa, onde concluiu o Curso Superior de Violino. Foi o primeiro professor de violino e solfejo da Academia de Música de Luanda e aí deu alguns concertos organizados pela Sociedade Cultural da capital angolana. Pode dizer-se que, na sua curta e malograda existência, teve a Música como companheira inseparável e sempre reconfortante.

Cartaz dos Espectáculos

Teatro Aveirense

Sábado, 25 — às 21.30 horas

Programa duplo, com um filme do Oeste, em *Cinemoscope* e *Cor de Luxe*, interpretado por George Montgomery — ***O Rei da Pradaria***; e uma película de grande emoção, com Russ Tamblyn, Glória Talbot, Perry Lopez e Scott Marlowe — ***Jovens Atiradores.*** Para maiores de 12 anos.

Domingo, 26 — às 15.30 e às 21.30 horas

Rosalind Russell, Jack Hawkins, Maximilian Schell e Richard Bevmer num intenso drama de sentido humano — ***Conflito Íntimo.*** Para maiores de 17 anos.

Quarta-feira, 29 — às 21.30 horas

Uma produção americana com Tony Curtis e Edmond O'Brien — ***O Mestre Impostor.*** Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 30 — às 21.30 horas

Um excelente filme espanhol, em *Eastmancolor*, com Paquita Rico e Arturo Fernandez — ***A Viúva Solteira.*** Para maiores de 12 anos.

Sexta-feira, 1 de Maio — às 21.30 horas

Espectáculo dos ***«Gaiatos do Padre Américo».*** Para maiores de 12 anos.

Cine-Teatro Avenida

Domingo, 26 — às 15.30 e às 21.30 horas

Um filme em *Technicolor*, produzido por Walter Disney e interpretado por Maurice Chevalier, Hayley Mills e George Sanders — ***Os Filhos do Capitão Grant.*** Para maiores de 12 anos.

Terça-feira, 28 — às 21.30 horas

Uma magnífica película com Lino Ventura, Charles Aznavour e Hardy Kruger — ***Um Táxi para Tobrouk.*** Para maiores de 12 anos.

Legião Portuguesa

★ **Centro de Estudos Político-Sociais**

Na próxima quarta-feira, dia 29, pelas 21.30 horas, no Centro de Estudos Político-Sociais da Legião Portuguesa, o sr. Dr. Cerqueira de Vasconcelos proferirá uma conferência em que desenvolverá o tema «Educação da Alma e a Pedagogia Cristã».

Menor premiado por um acto de abnegação

Pelo sr. Dr. Manuel Louzada, Governador Civil de Aveiro, foi entregue ao menor de 8 anos Raul Manuel da Silva Tavares a quantia de dois mil escudos, como prémio por, quando se encontrava a brincar numa das margens do Rio Águeda, junto à Ponte de Óis da Ribeira, no concelho de Águeda, com duas crianças de 7 e 3 anos, respectivamente de nomes Maria Isabel da Silva Tavares e Maria Celestina Dias de Oliveira, ter salvo esta última, atirando-se à água, quando aquela caiu ao Rio.

Pelo Liceu

Reuniões de Curso

No prosseguimento duma ideia lançada há anos e que tem produzido magníficos frutos, realizaram-se durante as férias da Páscoa reuniões de vários cursos de antigos estudantes liceais.

● Assim, no dia 31 de Março findo, reuniram-se três cursos:

— o de 1957-58, que, depois de apresentar cumprimentos ao Reitor, se reuniu no Cemitério Central desta cidade onde colocou uma lápida e ramos de flores na campa do seu condiscípulo Fernando da Luz Sardo Ruano, tendo feito alocuções apropriadas o Reitor do Liceu e o pai daquele saudoso aluno. O mesmo Curso teve o seu almoço de confraternização na Pousada da Ria, com a presença do Vice-Reitor do Liceu.

— o curso de 1959-60, que, depois de apresentar cumprimentos ao Reitor do Liceu e assistir à projecção de um filme com episódios da sua vida escolar, se reuniu num almoço na Pensão Imperial.

— e, ainda, o Curso de 1962-63, que apresentou cumprimentos ao Reitor do Liceu e fez o seu almoço de confraternização no Restaurante Galo d'Ouro.

● No dia 1 de Abril, esteve reunido o Curso de 1961-62 que, depois dos habituais cumprimentos, ouviu missa de sufrágio pelo seu antigo condiscípulo José Luís Marnoto Bodas, após o que realizou o seu almoço de confraternização, na Pensão Imperial, com a presença do Reitor e Vice-Reitor do Liceu.

● Em 2 de Abril corrente, tiveram a sua reunião os alunos do 7.º ano de 1960-61 que apresentaram cumprimentos ao Reitor do Liceu, e confraternizaram, seguidamente, num almoço, na Pensão Imperial, a que assistiram o Reitor e o Vice-Reitor.

Comandante Geral da G. F.

No sábado, e no prosseguimento das suas visitas de inspecção às unidades sob o seu comando, esteve em Aveiro o sr. General Mário Silva, Comandante-Geral da G. F., acompanhado pelo seu ajudante de campo, sr. Capitão Lacerda Machado.

Nesta cidade, o sr. General Mário Silva foi recebido pelo sr. Tenente Albano Ferreira Simões, Comandante da Secção de Aveiro da G. F., com quem visitou as instalações da unidade, seguindo depois para a Figueira da Foz.

Lota de Aveiro

★ **Venda de pescado**

A Junta Central das Casas dos Pescadores montou os seus «Serviços de Vendagem» na Lota de Aveiro, que principiaram a funcionar no passado dia 15.

Desde há muito, era desejo do sr. Almirante Henrique Tenreiro, ilustre Presidente daquela Junta, que tais serviços fossem montados em Aveiro, a exemplo do que já está efectuado em quase todos os centros piscatórios do País.

A ideia, imediatamente perfilhada pelo actual Capitão do Porto de Aveiro, sr. Comandante Agostinho Simões Lopes, teve agora a sua concretização, com o que muito virá beneficiar a classe piscatória, atendendo a que, dentro do possível, lhe será prestado o auxílio de que venha a necessitar.

O quadro de pessoal já está devidamente organizado, tendo-se deslocado a esta cidade o Chefe de Serviços de Vendagem da referida Junta, sr. António Camilo Pinto da Costa, a fim de orientar a respectiva instalação.

★ **Terminou o Defeso**

Terminou no dia 15 o período de defeso da pesca de sardinha — e logo as traineiras voltaram ao mar.

Saíram cinco barcos, que apuraram 145 944$00. A traineira «Rui Jorge» pescou 812 cabazes vendidos por 64 307$00. Depois desta, a «Espuma do Mar» trouxe 594 cabazes; a «Pérola do Vouga», 292; a «Brasília», 176; e «Amazonas», apenas 36.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 25 — *A sr.ª D. Madalena Graça da Silva, esposa do sr. João Gonçalves Rodrigues Costa, aveirense ausente em Moçambique; as meninas Rosa Benita Arrais Caleiro e Maria Guilhermina Martins Melo Alvim, filha do sr. Luís de Melo Alvim Júnior; e o menino João Carlos, filho do sr. Júlio Pereira.*

Amanhã, 26 — *Os srs. Dr. João Osvaldo de Melo Freitas, Salviano Gomes da Silva e José Maria Peixoto de Oliveira; a menina Maria Aldina Pereira; e o menino Jaime, filho do sr. António Gonçalves Andias, residente nos Estados Unidos da América do Norte.*

Em 27 — *As meninas Maria José Ribeiro do Vale Guimarães, filha do sr. Carlos Augusto do Vale Guimarães, e Maria da Conceição Machado Soares, filha do sr. Inocêncio Soares; e o menino José António Ferreira Romão filho do sr. Lino Romão.*

Em 28 — *A sr.ª D. Ofélia Queirós Santos, esposa do sr. Eng.º Germano Vendrell Santos; e o sr. Capitão Jaime Vieira Valentim.*

Em 29 — *As sr.as prof.ª D. Maria Teresa Pimenta e Silva, esposa do sr. Saul Marques Ferreira, e D. Iria Moreira e Silva, viúva do saudoso Constantino dos Santos Silva.*

Em 30 — *A sr.ª D. Ana Rosa de Oliveira Teixeira Lopes, esposa do sr. Capitão Acácio Teixeira Lopes; os srs. Élio Marques Naia Gafanhão e Henrique Jorge Cândido Marques Figueiredo de Almeida; e o menino Adelino José de Carvalho Martins Julião, filho do sr. Dr. Manuel Simões Julião.*

Em 1 de Maio — *As sr.as D. Maria Cândida Rebocho Machado Norton Brandão, esposa do sr. Brigadeiro Manuel Norton Brandão, D. Sara Lopes Mortágua, esposa do sr. José Mortágua, D. Felicidade de Oliveira Barreto Cerqueira, esposa do sr. Décio Cerqueira, e D. Maria de Lourdes Cristo, filha do saudoso Júlio Cristo; os srs. Dr. Francisco José Mateus, Américo Ferreira Gomes Teixeira, Baldomero Magro Coelho e Manuel Fernandes Duarte; e as meninas Maria Isabel da Costa Cerqueira, filha do nosso apreciado colaborador Eduardo Cerqueira, Conceição Carvalho Moreira, filha do sr. Baptista Moreira, e Maria Amélia Ferreira Pinho das Neves, filha do sr. Capitão Joaquim Pinho das Neves.*

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 14, procedente de Warrenpoint, entrou a barra o navio de nacionalidade dinamarquesa *Strib*.

★ Em 15, vindo de Lisboa, demandou a barra o navio holandês *Jato*.

★ Em 18, procedente de El Ferrol, entrou a barra o navio holandês *Munte*.

★ Em 19, saíram, com destino a Chepstow River e Kyrkebyn, respectivamente, os navios holandês *Jato* e dinamarquês *Strib*.

★ Em 20, demandaram a barra, vindos de Kirkcaldy e Safi, o navio holandês *Majorca* e português *Jaime Silva*.

No mesmo dia, saíram, com destino a Lisboa e Roterdão, respectivamente, os navios português *Rio Antuã* e espanhol *Almenara*.

Reunião dos Industriais de Serração de Madeiras

No dia 1 de Maio próximo, pelas 9 horas e meia, realiza-se, no Grémio do Comércio, uma reunião de industriais de serração de madeiras, convocada pelo Delegado concelhio do Grémio Nacional dos Industriais de Serrações de Madeiras, sr. João Nunes da Rocha.

Tem por fim apreciar objectivamente algumas das conclusões do recente «1.º Colóquio de Produtividade na Indústria de Serração de Madeiras» e estudar a instalação do *Centro de Produtividade* e a formação de *Cooperativas* para aquisição de matéria-prima e sua equitativa distribuição.

Pelo Clube dos Galitos

★ Importante Assembleia Geral

Realizou-se a anunciada Assembleia Geral Extraordinária do Clube dos Galitos, convocada para se pronunciar acerca do diferendo do Clube com a Câmara, sobre o caso da sede, e para eleger os novos dirigentes da prestigiosa colectividade.

Presidiu o sr. Dr. José Pereira Tavares e compareceu elevado número de sócios. No uso da palavra, o sr. Dr. Mário Gaioso Henriques esclareceu a Assembleia de que o Galitos (através de um seu representante) chegara a um acordo com a Câmara acerca daquele magno problema, ficando estabelecido:

O Clube, devido às obras previstas no Plano de Urbanização, a iniciar pròximamente, vai provisòriamente ser instalado num prédio próximo da actual sede: o da Companhia Aveirense de Moagens. Após a aprovação camarária das obras a realizar no edifício adquirido pelo Clube, essas serão realizadas com o auxílio de um subsídio da Câmara, passando então o Galitos, definitivamente, para as suas instalações.

Falaram, dando plena concordância aos pontos apresentados pelo sr. Dr. Mário Gaioso, outros associados.

Por último, foi aprovada por aclamação a lista dos novos directores do Galitos, que são os seguintes:

Presidente — Dr Mário Gaioso Henriques. *Pelouro Cultural* — Amadeu Teixeira de Sousa. *Pelouro Desportivo* — Ulisses Rodrigues Pereira. *Pelouro Recreativo* — Agnelo Casimo da Silva. *Secretário-Geral* — Humberto Jesus Loureiro da Silva. *Secretário-Adjunto* — Agente-técnico António Rodrigues Marinheiro. *Tesoureiro* — Fernando Morais Sarmento, *Vogais* — João Nunes Ferreira Salgueiro e Eng.º Carlos Lourenço Pereira Boia.

★ Secção Filatélica e Numismática

Em Assembleia Geral Ordinária, realizada em 14 de Março findo, foram eleitos os seguintes novos corpos gerentes da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Alberto Casimiro Ferreira da Silva; *Presidente Substituto* — Eng.º João Carlos Aleluia; *Secretário* — José Marques Laranjeira; e *Secretário Substituto* — Eng.º Henrique Manuel Marnoto.

DIRECÇÃO

Presidente — Eng.º Paulo Seabra Ferreira; *Vice-Presidente* — Joaquim Paulo Ferreira Relógio; *Secretário* — Artur José Lopes Lobo; *Tesoureiro* — José Henriques dos Santos; *Vogal* — Carlos da Rocha Leitão; e *Vogais Substitutos* — Manuel de Oliveira Abrantes e Mário Gonçalves Andias.

CONSELHO FISCAL

Vogal — Tenente José Maria Cardoso; e *Vogal Substituto* — António Campos Graça.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que, pela Primeira Secção do Primeiro Juizo desta Comarca, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando Manuel Ferreira Martins e mulher, Laura Dias, proprietários, ausentes em parte incerta do Brasil, com último domicílio no País, no lugar de Repelão, freguesia e concelho de Oliveira do Bairro, da Comarca de Anadia, para, no prazo de vinte dias, depois de findo o dos éditos, contestarem, querendo, a acção de processo ordinário que contra os citandos e Maria Fernanda da Conceição Reis, viúva, doméstica, residente em Malhapão, daquela mesma Comarca, lhes move Adelino da Rocha Fazendeiro, casado, comerciante, residente na Avenida Fuerzas Armadas — Cristo a Eslenos — Edf. Soca Local n.º 4, — Almacen Novidades Aveirense, Caracas — Venezuela, na qual o autor pede que os réus sejam condenados a pagarem-lhe a quantia de oitenta e seis mil escudos, com juro da taxa taxa anual de 6 %, desde o início da mora, até final e completo reembolso, tudo nos termos e pelos fundamentos constantes do duplicado da petição inicial que se encontra na Secretaria e Secção do processo, à sua disposição, sob pena de, não contestando, prosseguir o processo à sua revelia.

Aveiro, 10 de Abril de 1964

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Villa Nova

O Escrivão de Direito,

Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

Litoral ★ N.º 494 ★ Aveiro, 25-4-964

Terreno

Vende-se em Aveiro, na Rua de Ilhavo, junto ao «Depósito da Água». Tratar na mesma Rua, no n.º 44-2.º.

Serviços Municipalizados de Aveiro

Lista dos candidatos admitidos às provas práticas do concurso para os lugares a seguir indicados do quadro do pessoal menor destes Serviços Municipalizados:

GUARDAS

Adelino das Neves, Américo Domingues Correia, Carlos Ferreira Rodrigues Felizardo, Carlos Neto Duarte Ferreira, Carlos da Silva Pereira, Diamantino Martins da Silva, Fernando Trindade Marques, José Fernando Alves, José Maria Soares, José de Oliveira Matos Dias, Narciso Martins Ferreira e Olímpio Pereira Rebelo.

LAVADORES

Américo Domingues Correia, Carlos de Almeida Abreu, Carlos da Silva Pereira, Diamantino Martins da Silva, Fernando Trindade Marques e José Fernando Alves.

Para a prestação das provas deverão os candidatos apresentar-se na sede destes Serviços pelas 10 horas do próximo dia 30 de Abril corrente, trazendo o seu bilhete de identidade, caneta de tinta permanente, lápis e borracha.

Aveiro, 22 de Abril de 1964.

O Presidente do Conselho de Administração,

Dr. Artur Alves Moreira

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela Segunda Secção de Processos do Primeiro Juízo desta Comarca, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o executado Silvério da Costa Ramos, casado, serralheiro, ausente em parte incerta da França, mas com último domicílio conhecido no País no lugar de Mataduços, freguesia de Esgueira, desta Comarca, na execução de sentença que, por apenso aos autos de acção sumária, lhe move e a outros o exequente António Ramos Bartolomeu, casado, empregado de escritório, morador no lugar do Bonsucesso, freguesia de Aradas, desta Comarca, para no prazo de cinco dias, findos que sejam os dos éditos, pagar ao exequente a quantia de sete mil cento e noventa e três escudos que foi condenado naquela acção a pagar-lhe, ou dentro do mesmo prazo nomear bens à penhora para esse pagamento, sob pena de se devolver esse direito ao referido exequente.

Aveiro, 13 de Abril de 1964

O Escrivão de Direito,

Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Villa Nova

Litoral ★ N.º 494 ★ Aveiro, 25-4-1964

Campeonato Nacional da II Divisão

Resultados Gerais

Braga - Covilhã	4-1
Famalicão - Beira-Mar	4-3
Feirense - Salgueiros	2-1
Oliveirense - Espinho	4-1
Leça - Sanjoanense	5-1
Boavista - Lusitano	2-0
Vianense - Marinhense	3-1

Tabela Classificativa

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Braga	26	19	2	5	66-31	40
Covilhã	26	18	3	5	58-25	39
Beira-Mar	26	15	6	5	53-29	36
Feirense	26	12	4	10	52-40	28
Salgueiros	26	12	4	10	43-33	28
Leça	26	10	5	11	42-35	25
Oliveirense	26	9	7	10	35-38	25
Famalicão	26	10	4	12	38-50	24
Boavista	26	8	8	10	53-60	24
Marinhense	26	8	6	12	45-41	22
Sanjoanense	26	8	5	13	42-44	21
Espinho	26	7	7	12	29 51	21
Vianense	26	8	4	13	37-59	20
Lusitano	26	4	3	18	25-64	11

Breve Comentário

Houve um autêntico arraial minhoto em Braga, festejando a vitória que os arsenalistas obtiveram sobre os serranos — assegurando o título nortenho e o almejado regresso à I Divisão. Compreende-se bem a alegria dos adeptos do Sporting de Braga, a quem endereçamos uma palavra de felicitações. O Sporting da Covilhã merece igualmente um aceno de simpatia, pela forma galharda como se bateu ao longo do torneio, de cuja liderança foi arredado em definitivo exactamente no derradeiro domingo...

Os restantes jogos possuiam reduzido (ou, mesmo, nulo) interesse. Será de assinalar apenas que o Vianense, já despromovido, se despediu da II Divisão com uma vitória no último desafio, enquanto o Beira-Mar não logrou terminar invicto a segunda volta do campeonato, por culpa do Famalicão — que, ganhando aos beiramarenses, lhes interrompeu uma série de treze jogos sem perder...

Famalicão, 4 Beira-Mar, 3

Jogo no Estádio Municipal de Famalicão, sob arbitragem do sr. Elísio Marques do Porto.

Os grupos apresentaram:

Famalicão — Foguete (Santana); Sampaio, Ferreira e Domingos; Sarmento e Morais; Bártolo, Aurélio, Ernesto, Romeu e Azevedo.

Beira-Mar — Adelino (Gonçalves); Girão, Liberal e Evaristo; Brandão e Pinho; Miguel, Nénê, Alberto, Fernando e José Manuel.

Os beiramarenses começaram em excelente ritmo e conseguiram adiantar-se no marcador, com golos de *Brandão*, aos 15 m., e *Miguel*, aos 25 m., este na transformação de uma grande penalidade.

Descansando no avanço alcançado, os aveirenses deram aso a que, imprevista e sensacionalmente, os famalicenses operassem um *volte-face* que, em menos de dez minutos, os colocou de vencidos por 0-2 em vencedores por 3-2! — números com que se atingiu o intervalo.

Romeu, aos 35 m., na conversão de um castigo máximo, *Sarmento*, aos 39 m., e *Aurélio*, aos 41 m., golearam pelos minhotos.

Na segunda metade, os jogadores de Aveiro reagiram e restabeleceram a igualdade, aos 56 m., por intermédio de *Nénê*. Mas o brasileiro *Ernesto*, aos 71 m., voltou a dar vantagem e a garantir o êxito da sua turma.

O triunfo do Famalicão é aceitável, mas o empate espelhava melhor a verdade do jogo, que foi correcto e agradável de seguir.

Arbitragem regular, sem problemas.

Campeonato Nacional da III Divisão

● *Resultados gerais:*

Penafiel - Tirsense	2-1
Lusitânia - Freamunde	1-0
Progresso - Vilanovense	2-1
Paços de Brandão - União	1-1
Ovarense - Naval	4-2
Marialvas - Lamas	0 1

Campeonato Nacional de Juniores

● *Resultados da 2.ª jornada:*

Sanjoanense - Vilanovense	8-2
Vianense - Lamas	4-0
Varzim - Salgueiros	4-3
Leixões - Académica	1-0
Alba - Porto	0-3
Anadia - Lousanense	6-0

Taça Nacional de Principiantes

● *Resultados da 2.ª jornada*

Recreio - Académico	3-0
Sanjoanense - Beira-Mar	3-0

SUMÁRIO DISTRITAL

II DIVISÃO

● Resultados da 3.ª jornada:

Vista Alegre - O. do Bairro	1-1
S. João de Ver - Mealhada	3-0

● Amanhã jogam:

O. do Bairro - Valonguense
Mealhada - Vista - Alegre

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 33 DO TOTOBOLA

3 de Maio de 1964

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	BÉLGICA - PORTUGAL			2
2	LISBOA — MADRID	1		
3	Vila Real — Gil Vicente	1		
4	Vilanovense — Tirsense	1		
5	Freamunde — Penafiel			2
6	Marialvas — Ovarense			2
7	U. de Tomar - Tramagal	1		
8	T. Novas - Portalegrense	1		
9	Caldas - Vilafranquense	1		
10	Loures — Sintrense	1		
11	Paio Pires — Estoril			2
12	V. Novas — Caparica			2
13	Amora — Almada			2

DES POR TOS

Secção dirigida por António Leopoldo

Basquetebol

● *Um incidente inédito, segundo cremos, forçou o adiamento, «sine-die», do desafio Centro Universitário - Naval: foi o caso de se ter partido uma tabela, facto que impediu a realização do jogo.*

As outras partidas concluiram deste modo:

Marinhense - V. da Gama	33-36
Académica - Porto	45-49
Sangalhos - Galitos	38 37

Merece saliência especial o êxito dos portistas, que levam já treze jogos sem conhecer a derrota, contrariando o favoritismo que se concedia aos estudantes. De notar, ainda, as dificuldades que os vascaínos encontraram ante o «lanterna vermelha»; e o equilíbrio pontual que caracterizou o jogo entre o campeão e o vice-campeão aveirenses.

● *Tabela de pontos:*

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Porto	13	13	—	676-401	39
Académica	12	10	2	669-435	32
Galitos	13	6	7	525-566	25
Sangalhos	12	6	6	457-496	24
V. Gama	13	5	8	538-533	23
Naval	12	5	7	544-729	22
Centro	10	2	8	340-440	14
Marinhense	11	—	11	300-577	11

● *Jogos para hoje:*

Porto - Marinhense (36-12)
Naval - Académica (36-84)
Galitos - Centro Univers. (30-54)
V. da Gama - Sangalhos (37-39)

SANGALHOS, 38 GALITOS, 37

Jogo no Campo do Colégio, em Sangalhos, sob arbitragem dos srs. Manuel Bastos e Albano Baptista.

Os grupos apresentaram:

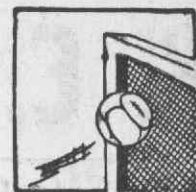
Sangalhos — *Amândio 7, Farate 2, Oliveira 8, Eugénio 5, Feliciano 10, Francisco 2, Antero 2 e Vieira 2.*

Galitos — *José Fino 8, Raul 2, Cotrim 18, Encarnação 9, Vítor, Madail, Pires e José Luís.*

1.ª parte: 14 21. 2.ª parte: 24-16.

Festa da A. B. A.

Na passada segunda-feira, dia 20, a Associação de Basquetebol de Aveiro promoveu uma festa de confraternização de toda a «família basquetebolística» distrital, durante a qual foram distribuídos prémios aos vencedores dos campeonatos da época em curso.

Mais de espaço, daremos notícia da festiva reunião na próxima semana.

ANDEBOL DE 7

Campeonato Distrital

Beira-Mar, 3 — A. Vareiro, 8

Jogo no sábado, no Pavilhão Desportivo do Beira-Mar, sob arbitragem do sr. Albano Pinto.

Os grupos apresentaram-se assim constituídos:

BEIRA-MAR — Gonçalo (Lemos), Paulo, Fernando, Alfredo, Cerqueira, Gamelas 3 e Picado. *Supls.* — Azevedo e Orlando.

ATLÉTICO VAREIRO — Alberto, Oliveira, Valdemar 1, Natária 5, Fidalgo 1, Morais 1 e Pompílio.

O terreno, pesado e lamacento, prejudicou a qualidade do andebol de ambos os grupos tornando a partida pouco agradável. Ao intervalo: 1-5.

Actuando aquém das suas possibilidades, os beiramarenses tiveram ainda contra si uma noite-não do seu primeiro *keeper*, a fazer pender para os forasteiros a sorte do jogo, ao consentir três «frangos» (segundo, terceiro e quinto golos).

Os ovarenses, por seu turno, foram mais equilibrados: adaptando-se melhor às condições do campo, em consequência de serem mais pesados, defenderam-se sempre com muito acerto e evidenciaram mais poder de remate e um melhor plano de jogo ofensivo. Assim, vieram a ganhar merecidamente, embora por score um pouco severo para os locais.

Arbitragem com alguns deslizes.

O Beira-Mar protestou o resultado do jogo.

● *Outros resultados:*

Espinho - Paramos	5-3
Sanjoanense - Amoníaco	10-9

Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Paramos	6	4	—	2	67-47	14
Espinho	6	4	—	2	62-43	14
Amoníaco	6	4	—	2	57-43	14
A. Vareiro	6	3	—	3	58-53	12
Beira-Mar	6	2	—	4	43-56	10
Sanjoanense	6	1	—	5	43-88	8

● *Jogos para hoje:*

Atl. Vareiro - Espinho (3-9)
Paramos - Sanjoanense (23-10)
Amoníaco - Beira-Mar (7-5)

NAVEIRO - Transportes Marítimos S.A.R.L.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

NOTÁRIO: Licenciado Joaquim Tavares da Silveira

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de dez de Abril de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas quarenta e duas, verso, do livro número cento e vinte e cinco-B, a folnas uma, verso, do livro número cento e vinte seis-B, para escrituras diversas do arquivo do Primeiro Cartório Notarial de Aveiro, foi constituida uma sociedade entre José Vieira Júnior, Luís Lopes da Silveira Júnior, Armando Madaíl Ferreira, Armando Ferreira Madaíl, Francisco dos Santos Piçarra, José Mendes de Sousa Ramos, Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães, João Rocha dos Santos, Dr. Mario Gaioso Henriques e João Evangelista de Campos, nos termos dos artigos seguintes:

Capítulo Primeiro

DENOMINAÇÃO, SEDE, OBJECTO E DURAÇÃO

ARTIGO PRIMEIRO

UM — A Sociedade é anónima de responsabilidade limitada e adopta a denominação de «*Naveiro — Transportes Marítimos S. A. R. L.*.»

DOIS — A sede é em Aveiro, na Rua de João Mendonça, dez, primeiro, direito.

O Conselho de Administração, com o parecer favorável do Conselho Fiscal, poderá criar, manter e encerrar toda a espécie de representação social em qualquer local do território nacional.

ARTIGO SEGUNDO

A sociedade tem por objecto o comércio de navegação e transportes marítimos.

ARTIGO TERCEIRO

A sociedade durará por tempo indeterminado, e, o seu começo data, para todos os efeitos, do dia de hoje.

Capítulo Segundo

CAPITAL

ARTIGO QUARTO

O capital social é de cinco mil contos, em dinheiro, dividido em cinco mil acções nominativas de mil escudos cada uma, que eles fundadores subscreveram e pagaram já integralmente pela forma seguinte:

José Vieira Júnior, oitocentas acções;

Luís Lopes da Silveira Júnior, oitocentas acções;

Armando Madaíl Ferreira, seiscentas acções;

Armando Ferreira Madaíl, duzentas acções;

Francisco dos Santos Piçarra, duzentas acções;

José Mendes de Sousa Ramos, duzentas acções;

Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães, seiscentas acções;

João Rocha dos Santos, seiscentas acções;

Dr. Mário Gaioso Henriques, oitocentas acções;

João Evangelista de Campos, duzentas acções.

Fica desde já autorizado o aumento de capital, por uma e mais vezes até ao montante de dez mil contos, que o Conselho de Administração com parecer favorável do Conselho Fiscal, efectivará quando entender conveniente.

No rateio da subscrição das novas acções, provenientes do aumento de capital, têm preferência os accionistas existentes na proporção das que já possuirem, não se considerando para este efeito a Sociedade como accionista.

ARTIGO QUINTO

UM — As acções serão nominativas e representadas por títulos de uma, dez e cinquenta acções, que serão assinadas por dois administradores.

DOIS — Os títulos uma vez passados e entregues não poderão ser objecto de desdobramento, excepto apresentando-se justificação que seja aceite pela Administração. — As despesas serão sempre de conta do accionista interessado.

ARTIGO SEXTO

Na transmissão de acções terá que observar-se a seguinte ordem de preferências:

PRIMEIRO — Os accionistas;

SEGUNDO — A sociedade, desde que o preço seja de completo acordo com o vendedor;

TERCEIRO — Estranhos.

Se por sucessão legítima ou testamentária de qualquer accionista as suas acções ficarem pertencendo a estrangeiros, terão estes de as transmitir a cidadãos portugueses dentro de seis meses, contados da data em que tenham entrado na sua posse efectiva.

ARTIGO SÉTIMO

A sociedade poderá livremente adquirir acções e obrigações próprias ou alheias e realizar operações sobre elas.

ARTIGO OITAVO

A sociedade poderá emitir obrigações nas condições que forem designadas na respectiva deliberação da Assembleia Geral.

Capítulo Terceiro

ADMINISTRAÇÃO E FISCALIZAÇÃO

ARTIGO NONO

O Conselho de Administração será composto de três membros eleitos por três anos entre os accionistas, sendo permitida a reeleição. As vagas que ocorrerem no Conselho de Administração por impedimento permanente ou temporário serão supridas, até que a Assembleia proveja, por accionistas escolhidos pelo próprio Conselho.

O Conselho de Administração pode nomear, entre os accionistas ou seus representantes, um gerente encarregado dos serviços de exploração, conferindo-lhe os poderes necessários.

O Gerente terá direito à remuneração fixa que o Conselho de Administração lhe venha a atribuir e às percentagens sobre os lucros que forem votadas em Assembleia Geral.

ARTIGO DÉCIMO

Ao Conselho de Administração compete a representação e administração da sociedade e a gerência dos negócios sociais com os mais amplos poderes, designadamente:

a) Representar a Sociedade, em Juízo e fora dele, activa e passivamente.

b) Propor quaisquer acções, deduzir oposições, fazer reclamações, perante qualquer tribunal, instância ou repartição pública, desistir, confessar e transaccionar em quaisquer pleitos e comprometer-se em árbitros.

c) Adquirir, alienar e onerar quaisquer bens, até à importância de quinhentos mil escudos.

d) Admitir ou despedir pessoal contratado ou assalariado, definindo-lhe os serviços e fixando-lhe os vencimentos ou outra forma de remuneração.

e) Nomear gerentes e encarregar outras pessoas do desempenho constante de algum ou alguns dos fins compreendidos no objectivo social, constituir mandatários em quem delegue parte dos seus poderes, passando as indispensáveis procurações.

f) Enfim, desempenhar todas as atribuições, praticar todos os actos e celebrar todos os contractos atinentes ao objectivo social.

ART.º DÉCIMO-PRIMEIRO

Para obrigar a sociedade são indispensáveis a intervenção conjunta e as assinaturas de dois dos administradores.

A correspondência ordinária e os documentos de mero expediente poderão ser assinados por um só administrador ou pelo gerente, se o houver.

ART.º DÉCIMO-SEGUNDO

Aos administradores é expressamente proibido obrigar a sociedade em actos estranhos aos interesses da mesma, tais como fianças, abonações, letras de favor ou semelhantes.

ART.º DÉCIMO-TERCEIRO

Os membros do Conselho de Administração caucionarão a sua gerência por meio de depósito, cada um, na sociedade, de cinquenta acções da mesma, sem o que não poderão entrar em exercício.

ART.º DÉCIMO - QUARTO

As remunerações dos membros do Conselho de Administração serão fixadas em Assembleia Geral e poderão ser constituídas por quantia mensal fixa, ou por percentagem sobre lucros líquidos do exercício.

ART.º DÉCIMO - QUINTO

Haverá um Conselho Fiscal com as atribuições constantes da Lei e destes estatutos, composto de um presidente e dois vogais, que serão eleitos por três anos. — É permitida a reeleição.

O suprimento da falta de qualquer dos membros, por impedimento permanente ou temporário, será feito pelo próprio Conselho Fiscal, pela forma prescrita para o Conselho de Administração.

ART.º DÉCIMO - SEXTO

As remunerações dos membros do Conselho Fiscal serão fixadas pela Assembleia Geral.

ART.º DÉCIMO - SÉTIMO

Sempre que a Lei não proíba expressamente, as contribuições e impostos inerentes às remunerações referidas, ficarão a cargo da sociedade.

ART.º DÉCIMO - OITAVO

O Conselho de Administração e o Conselho Fiscal reunir-se-ão conjuntamente, sempre que para tal sejam convocados por qualquer dos membros de um ou de outro conselho e se achem presentes em maioria os membros de cada um deles, sendo as deliberações tomadas por maioria.

Capítulo Quarto

ASSEMBLEIA GERAL

ART.º DÉCIMO - NONO

A Assembleia Geral regularmente convocada e constituída representa a universalidade dos accionistas e as suas deliberações são obrigatórias para todos os termos da Lei.

ARTIGO VIGÉSIMO

Só é admitido à Assembleia Geral o accionista possuidor do mínimo de cinquenta acções ou que represente agrupamento de accionistas cujas acções perfaçam aquele número.

ART.º VIGÉSIMO PRIMEIRO

As Assembleias Gerais, tanto ordinárias como extraordinárias, considerar-se-ão legalmente constituídas, sempre que estejam presentes e representados accionistas possuidores de acções correspondentes a um quarto do capital social, salvo os casos para que a Lei prescreva outro «quorum».

— A cada dez acções corresponderá um voto.

ART.º VIGÉSIMO SEGUNDO

Os accionistas que sejam pessoas colectivas, incapazes, mulheres casadas, co-propriedades, heranças indivisas e mais patrimónios autónomos, serão representados nas Assembleias Gerais e em todos os actos que digam respeito à sociedade por quem legalmente os represente.

ART.º VIGÉSIMO TERCEIRO

O simples usufrutuário de acções não terá voto nas Assembleias Gerais em que se tratar da modificação dos estatutos ou de dissolução e liquidação da sociedade, sem exibir prèviamente documento comprovativo da autorização dada a tal respeito pelo respectivo proprietário.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO

A representação de accionistas em Assembleia Geral poderá fazer-se por meio de outros accionistas que também tenham voto, mas por direito próprio, salvo o caso de agrupamento feito nos termos do artigo vigésimo.

O respectivo mandato deverá constar de simples carta, assinada pelo accionista mandante e dirigida ao presidente da mesa, ou de procuração escrita, devidamente outorgada conforme a Lei.

ART.º VIGÉSIMO-QUINTO

A mesa da Assembleia Geral compõe-se de um presidente e de dois secretários

Continua na página seguinte

NAVEIRO — Transportes Marítimos S.A.R.L.

Continuação da sétima página

eleitos por três anos. — É permitida a reeleição.

ART.º VIGÉSIMO-SEXTO

As deliberações serão tomadas por maioria absoluta de votos apurados na reunião, salvo quando a Lei determine diferentemente, e as votações serão nominais ou por escrutínio secreto, sempre que o requeiram, pelo menos, três accionistas presentes.

Capítulo Quinto

LUCROS, FUNDOS E DIVIDENDOS

ART.º VIGÉSIMO-SÉTIMO

Os lucros líquidos que se apurarem no fim de cada exercício, deduzidas as percentagens fixadas para remuneração, terão as seguintes aplicações:

PRIMEIRO — Cinco por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal de montante igual ao capital social, enquanto não estiver preenchido ou sempre que seja necessário reintegrá-lo.

SEGUNDO — Cinco por cento, pelo menos, para um fundo destinado a melhorar e a apetrechar a exploração, do montante igual a metade do capital social, enquanto não estiver preenchido.

TERCEIRO — O remanescente para dividendo aos accionistas ou para qualquer outro fim que a respectiva Assembleia Geral determinar, cumprindo-lhe resolver livremente como melhor for aos interesses sociais.

ART.º VIGÉSIMO-OITAVO

Considerar-se-ão lucros líquidos os resultados obtidos depois de deduzidas as verbas de: gastos gerais, contribuições, despesas de exploração, impostos, prémios de seguros, reparações ordinárias e extraordinárias, perdas, danos sofridos e depreciações do activo.

Capítulo Sexto

DISPOSIÇÕES GERAIS

ART.º VIGÉSIMO - NONO

A sociedade dissolver-se-á nos casos legais e quanto à liquidação e partilha dos haveres sociais, observar-se-á o que a tal respeito for vàlidamente resolvido e, na sua falta, o disposto na Lei aplicável.

ARTIGO TRIGÉSIMO

Toda e qualquer questão que se suscite na execução ou na interpretação deste estatuto, bem como as que se levantarem entre os accionistas e a sociedade, serão decididas por três árbitros oportunamente nomeados, um por cada parte, e o terceiro por acordo dos nomeados e, não havendo acordo, pelo Juiz de Direito a quem competir o processo de compromisso.

Ao terceiro árbitro competirá a organização e instrução do processo.

ART.º TRIGÉSIMO PRIMEIRO

(TRANSITÓRIO)

A Assembleia Geral reunir-se-á no dia 11 de Abril de mil novecentos e sessenta e quatro, pelas dezassete horas, na dita sede social, para eleger a mesa da Assembleia Geral, o Conselho de Administração e Conselho Fiscal.

É certidão narrativa, que vai conforme ao original na parte transcrita a que me reporto e na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, dezassete de Abril de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Vende-se

Um terreno c/ 2.100 m², tendo 23 metros de frente, próprio para construção, antes da nova variante, junto ao prédio do sr. Major Santos, na Quinta do Simão.

Falar com José Gonçalves dos Santos, Rua de José Rabumba, 36 — Aveiro.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

FAZ-SE SABER que pela Segunda Secção de Processos do Primeiro Juízo desta Comarca, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o réu JOAQUIM FERREIRA REIGOTA, casado, comerciante, ausente em parte incerta do Brasil, mas que teve o seu último domicílio conhecido no País no lugar da Gafanha da Boavista, freguesia de Ílhavo, desta Comarca, para, no prazo de vinte dias, findos que sejam os dos éditos, contestar, querendo, o pedido formulado na acção ordinária que lhe move e a sua mulher o autor José da Silva Roque, casado, comerciante, de Azurveira, Bustos, da Comarca de Anadia, o qual consiste na condenação dos réus a pagar ao autor a quantia de sessenta e três mil oitocentos e setenta e dois escudos (25 000$00 de empréstimo e 38 872$00 de fornecimentos de vinhos pelo autor).

MAIS se faz saber que pela mesma Secção e Juízo correm também éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, notificando o já referido réu JOAQUIM FERREIRA REIGOTA, para, no prazo de oito dias, findos os éditos, responder, querendo, ao incidente de intervenção principal requerido pelo autor José da Silva Roque, já aludido, nos mesmos autos em que chama à acção os requeridos José Augusto Fernandes Querido, casado, comerciante, da Gafanha da Nazaré e Fernando da Conceição Mendes, casado, oficial da Marinha Mercante, da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, de Aveiro.

Aveiro, 14 de Abril de 1964.

O Escrivão de Direito,

Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Vila Nova

Litoral ★ N.º 494 ★ Aveiro, 25-4-1964

Cruz & Caetano, Limitada

CARTÓRIO NOTARIAL DE ÍLHAVO

Certifico, por extracto, que por escritura de vinte e nove de Fevereiro deste ano, exarada de folhas oitenta e duas, verso, a oitenta e quatro, verso, do livro de notas próprio número Quatro — A, do Cartório Notarial de Ílhavo, a cargo do notário licenciado Alberto Esteves Martinho, foi constituída uma sociedade comercial por cotas, de responsabilidade limitada, firmada «CRUZ & CAETANO, L.DA», entre JOÃO MARQUES DA CRUZ, industrial, residente no Marco da Oliveirinha — Aveiro, e ACÁCIO DOMINGUES CAETANO, comerciante, residente em Rio Tinto, Sosa, Vagos, ambos casados, nos termos dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «CRUZ & CAETANO, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na cidade de Aveiro, à Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, número cento e oitenta e cinco, e cento e oitenta e sete, e a sua duração é por tempo indeterminado a partir de hoje, podendo a localização da sede ou estabelecimento ser alterada por deliberação em Assembleia Geral.

Segundo — O objecto social é o comércio de mercearias, leitaria e pastelaria ou confeitaria, podendo dedicar-se ainda a qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitidos por Lei. A sociedade, porém, só inicia as suas operações no próximo dia um de Abril.

Terceiro — O capital social é de cem mil escudos e corresponde à soma de duas cotas, que são de dez mil escudos para o sócio João Marques da Cruz, e de noventa mil escudos para o sócio Acácio Domingues Caetano, encontrando-se já todo realizado em dinheiro corrente.

Quarto — Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que carecer, como for deliberado em Assembleia Geral.

Quinto — A gerência da sociedade, dispensada de caução, fica a cargo de ambos os sócios, que desde já ficam gerentes.

Parágrafo primeiro — Para obrigar e representar a sociedade, activa e passivamente, judicial e extra-judicialmente, são necessárias as assinaturas de dois sócios, bastando, porém, a assinatura de qualquer deles para actos de mero expediente.

Parágrafo segundo — É proibido aos gerentes usar a firma social em quaisquer actos, contratos ou documentos estranhos ou contrários ao objecto e fins sociais, como letras de favor, fianças e responsabilidades semelhantes, o que, a acontecer, será da única responsabilidade pessoal do subscrevente.

Sexto — Qualquer cessão de cotas, total ou parcial, só poderá ser feita a estranhos se a sociedade, em primeiro lugar, e qualquer dos sócios, em segundo lugar, mostrarem por escrito não quererem adquiri-la, reservando-se, porém, a sociedade, o direito de preferir em qualquer cessão feita a estranhos contra o estipulado neste artigo.

Sétimo — Em trinta e um de Dezembro de cada ano, incluindo o em curso, será dado balanço e os seus lucros líquidos, depois de retirados cinco por cento para o fundo de reserva legal e outras percentagens votadas para qualquer outro fim ou encargo social, serão distribuídos por todos os sócios proporcionalmente às respectivas cotas.

Oitavo — Apesar da interdição ou falecimento de qualquer sócio continuará a sociedade com os capazes ou vivos e os representantes do incapaz ou herdeiros do falecido, devendo estes, enquanto a sua cota se mantiver indivisa, nomear uma única pessoa para os representar a todos na sociedade, de acordo com esta.

Nono — As assembleias gerais serão sempre convocadas por carta registada e aviso de recepção, com a antecipação mínima de dez dias, desde que, para casos especiais, a Lei não exija outras formalidades ou maiores prazos; e

Décimo — A sociedade só se dissolverá nos casos e pela forma previstos nas leis aplicáveis.

Está conforme

Ílhavo, dez de Abril de mil novecentos sessenta e quatro.

O Notário,

Alberto Esteves Martinho

CAPA E CONTRA-CAPA

H. M. S. Ulisses — *Alistair Maclean — Colecção Cor de Bolso — Editora Estúdios Cor.*

Esta é a história de um navio em tempo de guerra, de um navio nas suas horas mais belas, desempenhando a tarefa para que fora construído, protegendo, contra os inimigos do rei, uma linha vital de abastecimentos.

E' a história da mais arriscada das viagens feitas durante a guerra — o vulnerável comboio que, através dos mares do Norte, se dirigia para a Rússia.

E' acima de tudo, a história de uma valorosa tripulação, de homens levados até ao limite das possibilidades humanas... e para além dele, atormentados pelos elementos, perseguidos e atacados pelo inimigo com implacável pertinácia e diabólicos ardis.

E' flagrante esta fala duma das personagem, o médico Brooks:

— ... «Sabe o que é sentir o vento, a vinte graus abaixo de zero vir urrando dos topos gelados do Polo e da Gronelândia e cortar através das roupas mais espessas como um escalpelo? Quando há quinhentas toneladas de gelo no tombadilho, onde cinco minutos de exposição significam queimaduras, onde a proa desce entre as ondas e a espuma nos atinge como se fosse agulhas de gelo onde até uma pilha eléctrica se apaga com a intensidade do frio? E sabe o que é andar dias e dias sem dormir, durante semanas, apenas descansando duas ou três horas cada vinte e quatro? Aquela sensação aguda em que cada nervo do nosso corpo e cada célula do nosso cérebro estão sujeitos à tensão da rotura, para além da margem gritante da loucura? Sabe o que é Almirante Starr? E' a mais requintada agonia do mundo. Até somos capazes de vender os amigos, a família, as esperanças de imortalidade, em troca do sagrado privilégio de fechar os olhos e não sentir nada... Sabe como pode ser exaustivo permanecer mesmo durante algumas horas numa coberta que oscila e se torna escorregadia? Os nossos rapazes fazem-no há meses; as tempestades são mera rotina na zona ártica. Posso mostrar-lhe uma, duas dúzias de velhos, nenhum dos quais atingiu ainda os trinta anos.»

E vai prepassando por todo o livro a tensão constante da guerra com toda a sua crueza. As personagens são imorredouras e típicas da Marinha Real, inesquecíveis na vida e na morte, desde o almirante até ao último dos marinheiros.

Este é um romance que exige atenção para o seu estilo narrativo e para a comovedora evocação da dívida contraída pela velha Albion para com estes bravos que foram, mais uma vez, o seu estudo protector.

Tarass Bulba — *Nicolau Gogol — Col. Os Livros das três abelhas — Publicações Europa América*

Filho dum modesto proprietário rural, Nicolau Gogol nasceu em 1809, em Sorochintsi (Poltava) e veio a falecer em Moscovo, no ano de 1852.

Tendo vivido na primeira metade de um século que viu nascer uma plêiade incomparável de gigantes da literatura russa, Gogol conquistou entre eles uma posição de relevo graças ao seu génio romanesco a um tempo visionário e realista, epopeico e lírico, trágico e humorístico, servido por um estilo maleável e vigoroso que dá às suas obras uma extraordinária riqueza de tonalidades.

Entre as obras-primas que criou — *Almas Mortas, O Capote, O Inspector*, para só citar as mais conhecidas — ocupa sem dúvida um lugar importantíssimo a empolgante novela TARASS BULBA, que é, porventura, de todas elas, a que mais profundamente encontrou eco numa vasta camada de leitores.

Integrada no ciclo «Mirgorod» — transposição romanesca de uma longa e paciente investigação histórica sobre a Ucrânia natal — TARASS BULBA narra a épica luta dos resistentes ucranianos contra o invasor polaco, tendo como fulcro as aventuras de um velho cossaco e de seus filhos, em episódios cheios de movimento com duelos, cavalgadas, cenas esfuziantes de bravura e heroísmo.

Obra clássica da literatura russa do século XIX, a sua publicação nesta colecção é particularmente oportuna, num momento em que já se encontra em Portugal o filme dela extraído, realizado por Lee Thompson e interpretado por Yul Bryner e Tony Curtis.

A Alimentação Humana — *Claude Arnaud — Col. Diagramas n.º 21 — Editora Estúdios Cor*

...«A história humana confunde-se em grande parte com a história da procura da alimentação. O homem, como os animais, tem necessidade de se alimentar para sobreviver. A fome, que é a sensação consciente dessa necessidade, é, por consequência, um dos mais importantes motores da humanidade.

Observemos o voo irrequieto das andorinhas nos nossos céus de verão, o caminhar subterrâneo das toupeiras ou a lenta progressão dos carneiros nas pastagens; todos estes movimentos são ditados pela necessidade de saciar a fome.

As civilizações humanas não podem desenvolver-se senão quando essa necessidade elementar, está, de certo modo, satisfeita.

Terá o homem atingido, presentemente, uma vitória decisiva na luta secular contra a fome? Decisiva sim, sem dúvida, porém incompleta, pois estamos longe da perfeição.

Por muito inverosímil que possa parecer a um habitante da Europa Ocidental desta segunda metade do século XX, que vê iniciarem-se uma após outra a era atómica e a era das explorações interplanetárias, dois terços da população do Globo continuam subalimentados.

Mesmo onde a fome foi vencida, naqueles países mais avançados cujo desenvolvimento económico assegura uma produção alimentar abundante e variada, o problema da alimentação não está por enquanto resolvido, pois se trata dum problema por resolver. O homem não pode comer impunemente qualquer quantidade e qualidade de alimentos. Se a subalimentação é um trágico flagelo, a superalimentação do homem dos nossos dias que usa muito menos a sua força muscular do que o homem da antiguidade — e

Continua na página 7

HORAS MORTAS

(De «Marinheiro em Terra», de Daniel Filipe)

Deixa as horas, Poeta... olha, a teus pés,
o silêncio das ruas, da cidade...
Estás só — e sofres? Mas que queres? Há-de
desempenhar alguém este entremez...

Que importa o resto, se a alegria invade
os teus iguais? Sabe-lo bem, não és
mais do que um calmo e lúcido revéz
sofrido por ignota divindade...

Que importa a hora se o luar flutua
sobre a cidade morta, silenciosa,
tornada feudo da Senhora Lua?

Olha a roseira, meu Poeta, e goza
o provincianismo desta rua
na solidão daquele botão-de-rosa!

ONTEM HOJE AMANHÃ

Eram as manhãs claras de promessas
com panóplias de flores por abrir
eram os membros que as heras ofereciam
ao desejo do abraço a convergir
as manhãs

as panóplias
os membros
ontem

são as paralelas exactas sem excepção
do rosto programado a inatingir
são os rebentos queimados de suão
que jamais no sonho irão fulgir
as paralelas

o rosto
os rebentos
hoje

serão os ramos sem fruto nem seiva
na pausa prolongada noivando o esquecimento
serão os caminhos serenos sem atalhos
Sísifos eternizando um tal momento

os ramos
a pausa
os caminhos
amanhã.

Idalécio Cação

Do livro a sair «Ilha sem Arquipélago»

PEÇO A PALAVRA

Continuação da primeira página

Ora o «flash-back» é uma fórmula estética de expressão toda ela lírica, emotiva, quente, íntima, recriadora do «tempo perdido»!

Sem dúvida que, no Cinema como nas Letras, o bucólico pode ascender ao lírico. Mas não foi assim no documentário de Spiguel. Não foi, e ainda bem, porque nem devia sê-lo! Mais do que reviver uma saudade, importava mostrar uma paisagem. E, no documentário, esta abafou aquela. Assim foi; assim deveria ser. Mais uma razão para condenarmos o recurso à elipse cronológica, ao «flash-back».

A cidade agradece uma explicação

Apesar de, até hoje e que nós saibamos, só uma pessoa haver tido a coragem de, em seu nome, dizer o que por si pensa, parece-nos, pelo muito que temos ouvido e mesmo pelo que, em parcimoniosas palavras, queriam dizer e não disseram os dois jornais da terra (e um jornal não pode abdicar, fàcilmente, da sua missão de órgão informativo e formativo — para alguns! — da opinião pública), parece-nos, diziamos, que não há, no caso, duas opiniões: «aquilo» que está na Praça Marquês de Pombal, é um mamarracho de primeira!

Desancada, cochuda, de barriga nas costas e peitos no cachaço, não vemos ponta por onde se lhe pegue... para a salvar! Nem graciosidade de linhas, nem harmonia de volumes, nem nada de nada. E ainda para cúmulo, mal feita e mal enquadrada. Numa praça de sete estilos, só faltava um poço de gregos e rodriguinhos. E, o que mais nos choca, não são as inversões anatómicas duma mulher-foca, mas as anomalias estéticas de todo o conjunto.

Desde Krishna a Vénus, apesar das estatuetas cicládicas ou merágicas ou das artes Maya e Tolteca, a escultura teve, até ontem, a componente humana como uma das suas características básicas. Que a escultura é, hoje, bàsicamente e caracteristicamente, uma modulação espacial de construções de linhas de forças, aí o estão a afirmar, cada um a seu modo, Boccioni, Zadkine, Brancusi, Pevsner.

Quis-se ficar na representividade o autor da escultura em foco. Ela, indiscutìvelmente, é qualquer coisa. Ora nós, que gostamos de olhar e ver e assim sabermos o que temos na frente, precisamos de saber o que é aquilo, afinal! Admitimos, mesmo, que a escultura seja, representavivamente, boa! Mas então gostávamos de conhecer o modelo!...

Não queremos olhar para aquilo como «boi para palácio», aguardamos uma explicação, uma memória explicativa do monumento. Aguardamos... E se ela não vier, será porque o rei, tendo comido gato por lebre, vê agora que vai de camisa na rua?...

Sem ser explicado, tal mamarracho continuará a ser o que é: uma afronta! Afronta ao talento de artistas aveirenses; afronta ao bom gosto do público; afronta à beleza da mulher e à beleza da cidade; afronta à Arte e à Moral. Ou será caso que a dita obra nos queira mostrar que a mulher é coisa de lhe cuspir nas costas depois de lhe ver a cara?!...

A ARTE OU O ARTISTA

uma conversa com augusto sereno

QUANDO se emitem certas opiniões, tem-se, por vezes, a sensação de que, ao atirá-las ao terreiro público, se galga em ousado salto para ignotas paragens. Mais que o Mundo, o Tempo tem também a sua palavra a dizer.

Tivemos consciência da ousadia das nossas palavras quando, no último número de «Vae Victis», afirmávamos que, para nós, finalmente, Augusto Sereno conseguira encontrar-se. Ora o tempo só nos tem levado a confirmar aquela nossa maneira de ver.

Nos seis ou sete trabalhos por nós mencionados expressamente, encontrámos em Sereno outra pintura, pintura, afinal, boa. Que não é grandíloqua, dirão! Sem dúvida. Mas não é o estilo ático um bom estilo? Correcta, sem erros de gramática, a «última» pintura de Sereno depura-se, sublima-se numa linguagem pictórica, estilo *basic English,* dissemos, onde a sobriedade de expressão nos é mais apuramento do que limite. Se nos quiserem provar que esta pintura de Sereno não é de aceitar, têm que nos dizer por que foram aceites tantos trabalhos que, assinados por Hogan, temos visto em vários certames artísticos, e têm ainda de nos fazer esquecer algumas das telas de Volpi ou de Rosai.

Um novo problema se põe, todavia. Será esse aticismo uma solução buscada conscientemente por quem, impregnado pelo mundo que o rodeia, sente a luta de se exprimir, não apenas pela **cor**, mas também com a **linha**; ou será antes uma fórmula de expressão mais simples por mais se saber, — e poder! — eliminar o que mais se deve eliminar? Busca, ou encontro; solução casual ou ordenado progresso, eis o problema.

O problema pôs-se e é de pôr, sem dúvida. Antes dele ser posto, já nós, prevendo-o, apontávamos que havia, nas telas expostas no Aveirense, duas que nos apontavam o caminho andado «pari passu» pelo pintor. Vinha ele dum figurativo declarado onde a profundidade de campo era buscada descaradamente mercê do jogo da linha a criar um espaço visual. E, em Sereno, precisamente o que nos espanta é que ele tenha sabido aproveitar-se da luta que travou com a linha até a utilizar, não para a criação dum espaço já visual, mas táctil.

— Não procurei, disse-nos, em franca, aberta conversa, de troca de impressões, Augusto Sereno, não procurei deliberada, propositadamente saltar, ou até experimentar novas fórmulas de expressão. Procurei, isso sim, sempre procurei, aliás, progredir, avançar, aperfeiçoar-me. E, às tantas, dei-me em caminhos novos.

— Notou a diferença, pois.

— Diferença notei. Mas não me senti traído. Continuava a ser eu. Sei o que quero e sempre procuro saber o que faço.

— Ainda bem. Mal do artista que não pode, não é capaz de ser o seu primeiro crítico.

— Pois nem sempre farei o que mais quero, mas sei o que desejo, lá isso sei. Só isso me tem aguentado nesta luta que já tem 25 anos. E, julgo-o, valeu a pena: o público, mesmo em Aveiro, aceitou-me, entendeu-me, embora, porventura, não tenha chegado até onde eu quis ir com minha obra. Eu, como artista, nunca me esqueço qne, primeiro e sobretudo, sou homem... no meio de homens!

*

A nossa conversa voltara ao princípio. E o diálgo, de tão aberto, foi então um pequeno debate.

— Continuo a gostar da minha primeira pintura, como lhe chama. Sinto-a mais humana, conquanto veja na segunda mais pintura. Há, nesta, o amadurecimento, o fruto de muitos anos de trabalho.

Nós concordámos neste último apecto. Mas discordámos quanto ao primeiro. Tècnicamente mais acabada, sentimos nela mais emoção humana. E, se não reparem: Sereno deixou os barcos virados ou meios, por acabar, para se prender não já a uma paisagem natural mas a uma geografia humana — casas, fábricas, ruas, praças. Há incomunicabilidade no lineamento das suas superfícies e há frieza no cromatismo das paredes ou dos telhados. Mais do que o casario da urbe, é assim que Augusto Sereno vê a cidade dos homens. E, infelizmente, não vê mal.

Perguntas... por resposta

O pequeno debate fora um *intermezzo.* A conversa continuava.

— Quando deixaremos nós de ter apenas duas Escolas de Belas-Artes para nove milhões de habitantes? Por que é que ao lado da Música não hão-de os Conservató-

Continua na página 2

O MEU ENCONTRO COM DANIEL FILIPE

Morreu Daniel Filipe. Morreu o poeta dos meninos desvalidos, dos namorados humildes.

Daniel Filipe descobria o amor com o mesmo extâse que os garimpeiros descobriam um filão de ouro. Cantava as aves e as flores com a subtileza dos eleitos, inventava a cada passo, com uma dimensão fraterna transcendente, motivos de beleza, quadros de contagiante humanidade.

Morreu Daniel Filipe. Morreu um Homem que os admiradores lamentam, que os amigos vão chorar com lágrimas espontâneas.

Um amigo comum iniciou-me na leitura dos seus livros. Li «Marinheiro em Terra», mais tarde, «Discurso sobre a Cidade». E quis conhecê-lo. Um dia, em que honrou com a sua presença o «I Encontro das Páginas e Suplementos Literários da Imprensa Regional», eu tive a dita de me encontrar presente. Não pedi a ninguém que mo apresentasse. O seu sorriso largo e acolhedor dizia-me que dispensava apresentações. Invoquei o amigo comum que ele não via, há largos anos. A princípio não se recordou, com franqueza mo disse. Deu-me a sua morada, ofereceu-me os seus préstimos. Sem recordar-se ainda do amigo que há muitos anos não via. Agradeci. E fui para a minha cadeira. Pouco depois Daniel Filipe levantou-se do seu lugar e caminhava para mim com aquele sorriso aberto de menino que nunca esquecerei. E deu-me detalhes do amigo, contou-me que trabalharam juntos, há muitos, há muitos anos. Lembrava-se então nitidamente desse amigo distante cujo nome a princípio não lhe dizia nada. E pediu-me para lhe transmitir o seu abraço.

Morreu Daniel Filipe. Foi um amigo comum que me deu a notícia. Lera no jornal. Pelo nome desse amigo conheci Daniel Filipe. Pela boca desse amigo soube da notícia da sua morte. Estranhos desígnios, não é, Daniel Filipe?

Idalécio Cação

um conto de lopez matos

Os sorrisos paravam a meio. Assim o denunciavam os vincos da cara. Nunca chegavam a terminar. Mantinham-se indecisos entre o ficarem por ali ou processarem-se até ao fim; por isso mesmo, não optando, fixavam-se irremediàvelmente. A expressão estática dum estantâneo.

Representava o seu papel de senhor respeitável, já de «certa idade». Dava lições de sensatez quando saindo detrás do balcão de repartição vinha até ao átrio saudar amigos. Tinha estudado a lição e levava-a a sério. Sabia a receita. Mas na sua representação fracassava, e denunciava o «Teatral» do cedo. O texto caía-lhe pela boca como a um principiante, com ardor, e havia hesitações. Parecia no dia de estreia.

Veio até mim, num passo apressado, enérgico, uma pose de panda, e com um sorriso longo suspenso, caloroso. Felicitou-me.

..

e precipitado concluiu:

— muitas felicidades na sua vida profissional. Julgava-o o que havida de mais apropriado para explicar ao estudante recém concluído o curso. Falhou no profissional. Já não pode aguentar impunemente uma palavra mais extensa. Traiu a tensão que lhe ia dentro e o fôlego de tranquilidade terminou. A palavra oscilou.

Celebrava um ritual. Sofreguidão íntima do desejo de realizar a exibição foi fatal. Os músculos resistiram-se a acompanhar o desejo.

Fixo nele, o meu olhar perturbou-se.

— Os meus cumprimentos........

e passou adiante.

..

Esperando na sala, uma senhora acompanhada dum garoto. Este teria cinco anos. Foram os espectadores seguintes da

terceiro acto

representação do drama. Cortês, polido, amável para a senhora, carinhoso para o miúdo:

— Dás-me um beijo?! E acompanhou este pedido dum movimento para erguê-lo nos braços...... sentiram-se os braços fraquejar, ceder e o miúdo não chegou a levantar mais que os calcanhares. Carregou os traços que desenhavam o rictus. Riu, consentiu não levantá-lo, mas sentiu o fracasso. Pretendeu dissimulá-lo, evitou pensar nele e recompôs-se, dando ao acontecido a forma dum acto natural; da sua vontade. «Ele não pretendera fazer senão aquilo».

..

Quieto olhava-o e ele sentia-se espiado. Vacilou. De novo foi traído pela realidade das suas forças. E agora não estava tranquilo.

Depois de uns momentos a olhar a criança atravessou a ampla divisão rumo a outra contígua. Desapareceu detrás duma porta envidraçada. A representação findou. A todo o actor resta a esperança de ser melhor sucedido na exibição seguinte.

Para muitos viver é estar de posse de certas disposições, um texto, aplicáveis numa oportunidade prevista e ansiada.

Teatro e a História

Continuação da primeira página

Trata-se de uma longa peça histórica-literária de um jovem dramaturgo alemão de 32 anos, Rolf Hochhuth, a qual necessitaria de 6 horas de representação, adaptada à cena francesa por Jorge Semprun, intitulada em Alemão «Der Stellvertreter», traduzida em Francês por «Le vicaire».

Num tribunal teatral Pio XII é acusado, a forma dramática — digamo-lo desde já — não é sem dúvida a melhor para abordar sèriamente um debate que alguns julgam ainda demasiado recente para que seja tratado como «histórico» e mesmo demasiado espiritual para se prestar a caricatura. Quer o facto seja ou não histórico, quer a peça seja uma caricatura, em todo o caso a memória de um papa não se defende à força de gritos nas salas de teatro, mesmo se se trata das grandes e luxuosas salas da capital francesa.

Eis um dos termos da acusação: «Vossa Santidade dá carta branca a Hitler para se comportar como muito bem entende em relação aos judeus».

É difícil concentrar em uma ou duas frases do livro qual a verdadeira acusação; esta é elaborada à medida que as cenas se sucedem. De uma maneira geral podemos dizer que é o silêncio de Pio XII que lhe acarreta uma responsabilidade moral na deportação e extreminação dos judeus pelos Nazis. «A acusação do autor alemão — comenta Wladimir d'Omerson — no Figaro — repousa sobre um falso postulado: que o Vaticano é o lugar mais bem informado do mundo. Que Pio XII, como o resto do mundo, não tenha conhecido os requintes de crueldade de que os judeus eram secretamente vítimas, em minha alma e consciência estou absolutamente convencido». E acrescenta: «Se o papa tivesse protestado, a cólera de Hitler ter-se-ia manifestado de tal maneira que a perseguição aos judeus tornar-se-ia uma perseguição aos católicos. «Hitler detestava Pio XII. Ele considerava a Santa Sé como o pior foco de resistência às suas intenções».

Como veremos mais adiante, este facto de não informação da Santa Sé não pareçe exacto; pelo menos uma carta de Pio XII

Conclui na página 2